

DOI <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n31.06>

Literatura e realidade: eugenia e a prática do biopoder em *O Alienista*

Literature and reality: eugeny and the practice of biopower in O Alienista

Vanessa Santana Lima Trauzzola*

Resumo: Este ensaio tem como proposta a realização de uma interpretação do conto machadiano *O Alienista*. A abordagem tem como ponto de partida a identificação de elementos de seu enredo que remetem a aspectos de práticas eugênicas e o exercício do biopoder, os quais exerceram forte influência nas correntes de pensamento dos séculos XIX e XX e deixaram marcas profundas nas obras literárias, tanto quanto na história da humanidade. Para tanto, dialogamos com obras de pensadores como Michel Foucault, Hannah Arendt e Nancy Leys Stepan.

Palavras-chave: Machado de Assis. Biopoder. Eugenia.

Abstract: This essay proposes an interpretation of the Machado's short story *O Alienista*. Our approach is based on the identification of elements of its plot that refer to aspects of the of eugenic practices and the exercise of biopower, which having exerted a strong influence on the thought of the 19th and 20th century and left its marks on the literary works at that time, as much as in human history. To achieve this purpose, we dialogued with works by philosophers such as Michel Foucault, Hannah Arendt, and Nancy Leys Stepan.

Keywords: Machado de Assis. Biopower. Eugenics.

Sociedade, história e literatura

A literatura tem em si o poder de absorver aspectos culturais, políticos e econômicos da sociedade para expressar, metaforicamente, as experiências vividas pela humanidade em um determinado momento

* Faculdade Autônoma de Direito de São Paulo (FADISP).

histórico. Embora não se trate de relatos factuais, como esperamos encontrar no texto jornalístico ou em publicações de cunho científico, a obra literária interpreta a realidade à sua própria maneira e constrói representações ditadas pela imaginação, pela capacidade de empatia, pela mimetização das ações humanas em um mundo inconstante.

Tal faculdade atribuída à literatura tem o poder de refinar nossa sensibilidade às mazelas do mundo, e o faz na medida em que nos provoca a reflexão e o sentimento de inconformidade diante de circunstâncias injustas, desencadeadoras de sofrimento e subjugação de personagens, os quais, durante o tempo da leitura, tomamos como um outro, que, embora irreal, passa a ser assimilado como um ser de existência vívida. Ao interagir com nossa capacidade de representação, a literatura nos leva a reagir e a agir no mundo empírico, nos impele a tomar decisões e posicionamentos que buscam impedir que tais ações ocorram a um semelhante ou a nós mesmos. Por recobrir-se de tais características, a produção literária acaba por assumir um certo aspecto de documento histórico, uma vez que se fundamenta, sobretudo, na verossimilhança com a essência do humano e produz, desta maneira, “um tipo de conhecimento expresso por palavras polivalentes” (MOISES, 2001, p. 314).

T. S. Eliot, em sua obra *De Poesias e Poetas*, afirma que uma das funções sociais do poeta, que aqui tomamos como metonímia para escritor de obras literárias, é o de que, ao “expressar o que outras pessoas sentem, [...] ele está tornando as pessoas mais conscientes daquilo que já sentem e, por conseguinte, ensinando-lhes algo sobre si próprias” (1991, p. 31). A obra literária é, assim, entre outras coisas, uma forma de entrever a humanidade que somos por meio daquilo que potencialmente temos a capacidade de fazer e sentir.

Antonio Candido, crítico literário, sociólogo e um dos maiores intelectuais nacionais, entende que a literatura é uma “manifestação

universal de todos os homens em todos os tempos” (2011, p. 176) e por essa razão manifesta “os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais” (2011, p. 177) e “nos deixa capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimento; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (2011, p. 179).

Nesse contexto, Machado de Assis, um dos maiores expoentes da literatura brasileira, nos parece concentrar em sua obra todas as qualidades atribuídas à arte literária por aqueles que se dedicaram a compreendê-la em suas minúcias. As obras machadianas são o produto de uma inigualável capacidade de compreender o espírito humano e captar o cerne dos acontecimentos sócio-históricos de seu tempo, valendo-se de grande capacidade de imaginação, criatividade linguística, sensibilidade poética e reflexões filosóficas. Esse arcabouço de características insere as obras machadianas no campo das produções capazes de abarcar as dimensões universais da existência e da experiência humana, de abrir janelas para reinterpretações da vida e uma profunda compreensão de si para todos os que têm o privilégio de se deixar envolver por seu talento e engenho.

Dado o valor de interpretação sociológica que vislumbramos nas obras machadianas, propõe-se, neste trabalho, a análise do conto *O Alienista*, escrito no momento em que nossa sociedade passava a sobrepor com agudeza a objetividade e a verdade legitimada pela ciência à subjetividade, ao senso comum e à fé religiosa. Tal mudança de paradigma encontra respaldo no Positivismo adotado por Augusto Comte, cuja filosofia se tornou proeminente a partir da segunda metade do século XIX e defendia, entre outras coisas, que a ciência era o único conhecimento possível e o método científico descritivo seria o mais verdadeiro e capaz de “mostrar as relações constantes entre os fatos expressos pelas leis, que permitem a previsão dos próprios fatos” (ABBAGNANO, 2015, p. 909).

Soma-se a isso o fato de que, não por acaso, no mesmo período predominava o movimento literário denominado Realismo, o qual preconizava “substituir o sentimento pela razão, pela inteligência; o egocentrismo romântico pelo universalismo científico e filosófico” (MOISÉS, 2001, p. 428). *O Alienista* está carregado de tais valores e sua narrativa apresenta, de forma caricata, o apreço da época aos métodos científicos que se propunham cada vez mais exatos e capazes de trazer à luz a verdade objetiva dos fatos e dos seres.

O Alienista de Machado de Assis, ainda que considerado como o ponto “mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira” (BOSI, 2010, p. 184), não é um convite à exaltação do Positivismo; opostamente a isso, impõe-nos o olhar crítico e irônico sobre um cientificismo¹ que quis ver na ciência a panaceia para todos os males e o único meio de compreender o homem, a natureza e a sociedade. É por meio do humor que Machado de Assis reforça um certo pessimismo da época com o ideal científico e mostra que “não há mais heróis a cumprir missões ou a afirmar a própria vontade; há apenas destinos, destinos sem grandeza” (BOSI, 2010, p. 191).

Para melhor explorar a temática do conto e estabelecer de maneira coerente uma reflexão acerca da influência do cientificismo na sociedade brasileira da época, propomos um diálogo entre os eventos narrados ao longo do enredo de *O Alienista* e os conceitos de eugenia e biopoder, tal como os abordam Nancy Leys Stepan e Michael Foucault, respectivamente.

¹ Sob certas circunstâncias, o cientificismo tende a ser interpretado como a forma pejorativa de descrever o Positivismo.

O Alienista: uma sátira ao cientificismo do século XIX

O conto *O Alienista* teve sua primeira versão publicada no Rio de Janeiro em 15 de outubro de 1881, na revista *A Estação*. O conto nasceu sob a efervescência do Realismo, estilo literário fortemente influenciado por teorias científicas e filosóficas da época, como o Materialismo, o Positivismo, o Evolucionismo, o Psicologismo e o Determinismo. Todas elas causaram fortes mudanças no modo de ver, entender e explicar a vida, a sociedade e as relações entre os indivíduos. Esse cientificismo, ou seja, o entendimento de que não há limites para a validade do saber científico, desempenhou papel preponderante para o desenrolar da história ao longo do século XIX até meados do século XX.

Essa visão particular de compreender o papel da ciência para a construção do conhecimento torna-se objeto de escárnio nesta obra de Machado de Assis, que, de forma criativa e bem-humorada, personifica o ideal científico da época na figura do Dr. Simão Bacamarte. Personagem central deste conto, e que dá nome ao título² da obra, pode ser descrito como um médico e cientista aficionado pelos mistérios da mente humana, e é justamente essa sua obsessão que o transformará em um déspota tirânico, capaz de promover profundas mudanças na rotina e no espírito do povo da cidade fluminense de Itaguaí.

Para atribuir à narrativa um tom de imparcialidade, característica típica do Realismo, Machado de Assis constrói um narrador contador de causos antigos, usando como recurso o distanciamento espacial e temporal, já que em várias passagens do texto a autoria do que se relata é conferida aos cronistas de *outros tempos* que viveram *ali* em Itaguaí: “As crônicas da Vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte...” (ASSIS, 2005,

² Alienista é o médico que se dedica aos pacientes acometidos de doenças mentais.

p. 1). Com isso, desonera o narrador de atribuir aos acontecimentos quaisquer julgamentos ou juízos de valor; o que se apresenta são, portanto, apenas “os fatos assim como sucederam” (ASSIS, 2005, p. 1).

Dr. Simão Bacamarte estudou em Portugal e alcançou estima de El-rei e vasto reconhecimento acerca do exercício de suas funções. Ao ser solicitado por Dom João a permanecer em Portugal regendo na universidade, o médico responde que a ciência é seu emprego único e Itaguaí, sua terra natal, é seu universo. Ao regressar, tomado pelo cientificismo europeu, entrega-se de corpo e alma ao estudo da ciência e faz de Itaguaí seu laboratório particular.

A obsessão pela ciência impregnara-se na alma do doutor de tal maneira que passou a comandar todos os eventos de sua vida, inclusive os de ordem pessoal. A exemplo disso, tomemos a passagem em que se apresenta o método adotado por Simão Bacamarte para a escolha da companheira para toda a vida. A escolhida, D. Evarista,³ é descrita como uma mulher desprovida de beleza e simpatia, mas que reunia, de acordo com a percepção do doutor, condições biológicas para lhe dar filhos saudáveis e inteligentes, premissa que se contrapôs à realidade, uma vez que o doutor foi incapaz de prever a esterilidade de tal união. Fato é que o doutor não deixou sobre a terra sua herança genética, contrariando a máxima darwinista de que os mais aptos, inteligentes e capazes sobrevivem.

Com o passar do tempo, Simão Bacamarte volta sua atenção exclusivamente para o estudo das patologias cerebrais. Por força do renome e bom relacionamento com a corte, consegue apoio moral e financeiro do poder público para a fundação de uma Casa de Orates, denominada Casa Verde. Iniciadas as atividades no manicômio, o médico ocupa-se em identificar, classificar e internar os que considerava

³ Manteremos a grafia do autor para a o nome da personagem Dona Evarista.

mentecaptos. Assim, todos os *alienados* de Itaguaí tornaram-se objeto de pesquisa do grande doutor; seu objetivo era, primeiramente, estudá-los para entender a arquitetura da mente humana, e, por conseguinte, curá-los. Porém, por força da austeridade de seus métodos de pesquisa, Simão Bacamarte acaba por confinar, em dois momentos distintos do enredo, a quase totalidade dos habitantes da cidade.

Façamos aqui um parêntese para evocar o filósofo humanista Erasmo de Rotterdam, autor de *Elogio da Loucura* (1511), obra que satiriza o mundo e o comportamento humano por meio do discurso, bastante persuasivo, que a protagonista *Loucura* realiza em defesa e elogio de si mesma. Entre as muitas características que atribui a si, a *Loucura* afirma: “a sabedoria não é outra coisa senão guiar-se pela razão, e em contrapartida, loucura é deixar-se levar pela arbitrariedade das paixões” (2013, p. 59) e acrescenta, ainda, que enquanto a razão foi relegada a um cantinho apertado da cabeça, as emoções têm todo o corpo por seu território.

Assim, louco seria aquele sob o domínio das paixões e cuja carência de racionalidade justificaria sua capacidade de “dizer aquilo que vem à boca” (ROTTERDAM, 2013, p. 42), de poder ser absolutamente sincero em suas opiniões, já que na loucura não há lugar para a artimanha, não lhe é possível simular algo no rosto enquanto se oculta outra coisa no coração (ROTTERDAM, 2013, p. 43).

Se partirmos destes princípios, que são elaborações filosóficas e literárias mas que encontram reverberação na realidade, será possível identificar um certo consenso de que a loucura pode ser entendida como o resultado do mau funcionamento das funções cerebrais, da ausência de racionalidade, da dificuldade em controlar as emoções e organizar o pensamento, da falta de objetividade para agir; além daqueles que são considerados insanos por apresentarem problemas com a produção discursiva, universo que abarca tanto os prolixos quanto os que se

recusam a falar e ainda os que emitem sons aleatórios guiados por suas próprias fantasias; os que têm discurso confuso ou verborrágico, os incompreensíveis, os recitadores; e não deixemos de mencionar aqueles que são considerados loucos por serem incapazes de agir conforme as regras socialmente estabelecidas, ora por não as entender, ora por ignorá-las voluntariamente, ou ainda por criarem um universo particular guiado por regras particulares.

Nessas circunstâncias, a pequena cidade de Itaguaí contava com representantes de todas as faces da *Loucura*: havia cidadãos como o rapaz que realizava discursos diários com citações em grego e latim; outro que passava os dias a imitar uma estrela; um terceiro, que após ter posto fim à vida da mulher e de seu amante, passou a buscar o fim do mundo. Havia ainda o caso do homem humilde que contava às paredes a história de sua origem divina.

Já no que diz respeito à incapacidade de agir de acordo com princípios éticos e morais socialmente estabelecidos e admitidos como parâmetros a serem seguidos por todos, tais como honestidade, lealdade, prudência e disciplina, a quantidade dos classificados como desequilibrados e internados na Casa Verde aumentara drasticamente. Por essa razão, a internação compulsória de cidadãos estimados por todos da pequena vila passa a ser vista como uma grande injustiça, o que concorrerá para a deflagração de duas rebeliões consecutivas, que, por intervenção militar vinda da capital, acaba por restaurar a paz à vila de Itaguaí, ainda que a custas de alguns mortos e muitos feridos.

Com liberdade e apoio estatal, o médico pôde continuar seu trabalho e permanecer em sua busca incansável pela compreensão da loucura. No entanto, sua visão de insanidade começa, aos poucos, a decompor-se, e os critérios de identificação da loucura mudam drasticamente.

A percepção do número exacerbado de doentes mentais confinados à Casa Verde leva o médico a concluir que o vício é encontrado com muito mais frequência nas ações humanas que a virtude, e por esse motivo, essa sim seria a anomalia da natureza humana. Tal constatação leva à liberdade os que poderiam ser taxados como socialmente desajustados e à reclusão os virtuosos. Sob esse novo ponto de vista, Simão Bacamarte passa a deslocar seu estudo para si mesmo.

Ao dar-se conta de que em Itaguaí não havia nenhum louco de fato, e que o único que poderia ser classificado como equilibrado e virtuoso era ele mesmo, decide trancar-se na Casa Verde e ser o objeto de seus próprios estudos. Morre depois de alguns meses.

O conto não traz a causa da morte do médico e destacado cientista, mas o provável é que tenha sucumbido à própria obsessão, o que corrobora o discurso da *Loucura* de Rotterdam sobre o que é a existência de um sábio:

[...] um homem que gastou toda a sua infância e adolescência em aperfeiçoar seus conhecimentos e que perdeu a parte mais agradável da vida em eternas vigílias, preocupações e suores; um homem que em todo o decorrer da vida não saboreou nem uma migalha de prazer; sempre parcimonioso, pobre, triste, sombrio; maldoso e duro consigo mesmo, severo e insuportável com os demais; um homem pálido, macilento, enfermiço, remelento, arruinado por uma velhice e umas cãs adquiridas muito antes do tempo e que está deixando esta vida antes da hora. Mas que importância tem quando morre alguém deste tipo, que nunca viveu? Aqui tendes um quadro excelente do que é um sábio. (2013, p. 93)

Simão Bacamarte, que havia se imposto como salvador para seus conterrâneos, transformou-se em um déspota frio, incapaz de poupar a própria consorte à reclusão. Seu maior feito, a Casa Verde, antes promessa de prosperidade para a vila, comprovado o poder de influência e prestígio conferido à ciência, passou a ser nomeada como a Bastilha da razão humana. O fim de Simão Bacamarte, que trazia no

sobrenome a força intimidadora da arma de fogo, pode, quem sabe, ser atribuído à desilusão de encontrar apenas incerteza e imprecisão naquela que lhe prometia ter as respostas para todas as perguntas, naquela que ele acreditava ser a panaceia para resolver todas as mazelas humanas.

A eugenia segundo Simão Bacamarte

Antes de estabelecermos qualquer comparação entre o conceito de *eugenia* e os fatos que se desenrolam em *O Alienista*, devemos, *a priori*, expor em linhas gerais o que veio a ser tal teoria, como surgiu e suas consequências para a história da humanidade.

O termo *eugenia* foi cunhado pelo cientista britânico Francis Galton em 1883 e tem sua raiz etimológica no grego antigo *eugn-s*, bem-nascido. Diz respeito, essencialmente, ao movimento científico e social desenvolvido para promover o melhoramento genético das raças, ao mesmo tempo que buscava estabelecer um controle social, instituindo, dessa forma, uma inter-relação entre hereditariedade humana e política social. De acordo com Stepan:

Como ciência, a eugenia se baseou nos entendimentos supostamente novos das leis da hereditariedade humana. Como movimento social, envolveu propostas que permitiriam à sociedade assegurar a constante melhoria de sua composição hereditária encorajando indivíduos e grupos “adequados” a se reproduzirem e, talvez mais importante, desencorajando ou evitando que os “inadequados” transmitissem suas inadequações às gerações futuras (2005, p. 9).

A junção da ciência com políticas públicas não foi, contudo, uma invenção de Galton. Seu fundamento apoia-se em uma espécie de associação entre o darwinismo e o mendelismo social, que emergiu

como resultado daquilo que já circulava no meio científico europeu, assim como descreve Stepan:

Na metade do século XIX, já havia especulações e propostas proto-eugênicas. O cientista francês Proster Lucas, por exemplo, “criou tabelas genealógicas das características morais de criminosos condenados, e exortou o governo francês a desencorajar a perpetuação de tais linhagens por entender que assim se reduziria a criminalidade, melhorando-se permanentemente a sociedade francesa” (2005, p. 30).

Ainda de acordo com Stepan, a eugenia, fruto do entusiasmo manifestado por cientistas, médicos, juristas e higienistas mentais, deve ser encarada como o ápice de um “longo processo de transformação intelectual e social que se desenvolveu ao longo do século XIX, no qual a vida humana foi cada vez mais entendida como resultado de leis biológicas” (STEPAN, 2005, p. 29).

Essa ideologia de purificação das raças “era um projeto discursivo que dava uma estrutura para prescrição cultural e investigação médico-moral” (STEPAN, 2005, p. 15) e sua retórica “influenciou a história da medicina, da família, da maternidade, da população, da criminologia, da saúde pública e do bem-estar social” (STEPAN, 2005, p. 15).

O advento da eugenia deixou marcas profundas na história da humanidade, especialmente após o surgimento da eugenia nazista, que culminou no Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial. Embora o Holocausto seja sempre referido como a tentativa de extermínio dos judeus, também foram vitimados homossexuais, negros, ciganos, deficientes físicos e mentais, prisioneiros acusados de crimes comuns e de crimes políticos, entre outros.

Como podemos perceber, as ideias eugênicas estavam intimamente ligadas às questões da raça, mas não se reduziam exclusivamente à etnia: buscava-se a pureza da raça por meio da eliminação de

tudo que fosse considerado anômalo, tais como comprometimento cognitivo, deformações físicas, temperamento impulsivo, baixa estatura, garantindo, desta maneira, que as próximas gerações fossem providas apenas de *boas qualidades*.

A crítica ao cientificismo, na obra machadiana analisada, pode ser observada por meio dos abundantes elementos que remetem aos princípios básicos da ideologia eugênica, como o processo de identificação da *falta de qualidade* dos cidadãos da Vila de Itaguaí, assim como a seleção e posterior reclusão dos considerados psicologicamente anormais no microcosmo de Itaguaí, sem nos esquecermos do método nada ortodoxo do doutor para a escolha de sua esposa. No que diz respeito a esse ponto específico, logo na primeira página do conto, encontramos uma forte característica eugênica de Simão Bacamarte, que remete ao significado mesmo do termo *eugenia* (bem-nascido) ao justificar a escolha da esposa:

D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhes filhos robustos, sãos e inteligentes (ASSIS, 2004, p. 1)

Contudo, seu método falha e D. Evarista frustra as esperanças do doutor, pois que essa “não lhe deu robustos nem mofinos” (ASSIS, 2004, p. 1).

O processo tipicamente eugênico de seleção e exclusão social em Itaguaí tem início, efetivamente, com a inauguração da Casa Verde. Entretanto, pesa uma diferença entre Simão Bacamarte e os cientistas eugênicos, uma vez que o primeiro desejava a eliminação da anormalidade nos indivíduos, e não a eliminação dos indivíduos, como pretendiam os segundos, como observamos no seguinte recorte: “O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a

loucura, seus diversos graus, classificar-lhes os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal” (ASSIS, 2004, p. 3).

Com esta postura, Simão Bacamarte desenvolve um caráter higienista⁴ ao promover a retirada dos indivíduos considerados inaptos da sociedade, ambicionando a melhoria do meio – a cidade de Itaguaí – e dos indivíduos. Para tanto, emprega o método de identificação e classificação, que se pretendia inquestionavelmente científico e passou, assim, a categorizar os indivíduos em segmentos, o que se fez “primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias; delírios e alucinações diversas” (*id.* p. 5), com o objetivo de engendrar uma fórmula ou procedimento que viabilizassem a recuperação ou até mesmo a restauração da sanidade a todos quantos julgasse mentalmente incapazes.

O método adotado pelo médico é pautado no ideário científico e não se apresenta na obra sem propósito, sendo notadamente uma forma de demonstrar o quanto a sociedade da época estava absorvida pelas promessas oferecidas pelo cientificismo, já que este preconizava a ciência como forma superior e inquestionável de interpretar a vida e encontrar solução para todo e qualquer problema. Respaldo por tal discurso de poder, o doutor consegue calar a voz da opinião pública com sua ideologia de melhoria da população da cidade de Itaguaí, mecanismo igualmente implementado por algumas nações para fazer valer sua visão de mundo, assim como nos confirma Arendt ao defender que

[...] a ideologia difere da simples opinião na medida em que se pretende detentora da chave da história, e em que julga poder apresentar a

4 A ideias eugênicas foram a base para a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM). Fundada em 1923, no Rio de Janeiro, por Gustavo Riedel, tinha como proposta a criação de programas de higiene mental com vistas à prevenção, observação e tratamento de doenças mentais, por meio da efetivação de protocolos de caráter eugênicos em campos como bem-estar, educação, trabalho, comportamento entre outros.

solução dos “enigmas do universo” e dominar o conhecimento íntimo das leis universais “ocultas” que supostamente regem a natureza e o homem. (1989, p. 189)

No capítulo “O Terror”, notamos que a forma como o médico conduz seu processo de identificação dos loucos de Itaguaí, que consistia, basicamente, em sair às ruas do vilarejo para observar e analisar o comportamento da população, é bastante verossímil aos procedimentos realizados pelos eugenistas do final do século XIX e meados do século XX, pois que estes iniciaram seus

[...] estudos da eugenia coletando dados de muitas famílias e interpretando-os por meio de métodos estatísticos. Seu trabalho consistia em correlacionar atributos físicos dos seres humanos a atributos mentais para identificar as peculiaridades positivas e negativas e, a partir dessa correlação, descrever os “tipos” – criminosos, delinquentes, idiotas, ou bem-dotados física e intelectualmente (GUALTIERI, 2008, p. 92).

Há um ponto, porém, que marca as ações do médico como notadamente eugênicas. Trata-se do momento em que a ciência e os métodos de Simão Bacamarte tomam a forma de política pública. O doutor consegue convencer a câmara dos vereadores e o próprio prefeito a financiarem seu projeto. Com isso, a construção do sanatório, o processo de seleção e segregação, assim como todo o tratamento dos considerados socialmente desajustados foram fomentados com recursos públicos.

Tal engenho pode ser observado na passagem em que o alienista envia seu projeto e se dirige à câmara no instante em os vereadores debatiam sua proposta para a criação da casa de orates. Simão Bacamarte, então, toma a palavra e “defende-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres” (ASSIS, 2004, p. 2).

Embora a eugenia no Brasil só tenha se concretizado, de fato, a partir de 1918 com a fundação da primeira sociedade brasileira de eugenia, entendemos que suas nuances já rondavam as décadas finais do século XIX, a ponto de Machado de Assis ser capaz de percebê-las e ironizá-las por meio de um personagem que representa a própria insânia instaurada pelo advento de ideologias científicas e sociais, mas que só são possíveis porque “toda ideologia que se preza é criada, mantida e aperfeiçoada como arma política e não como doutrina teórica” (ARENDRT 1989, p. 189).

O biopoder em Itaguaí

Biopoder é um conceito que surge na obra do filósofo francês Michel Foucault para caracterizar as práticas modernas exercidas pelos Estados com a finalidade de obter maior controle sobre a vida da sociedade, o que, nas palavras de Foucault,

São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, justamente com uma porção de problemas econômicos e políticos, constituíram os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica (2005, p. 290).

Tal atividade consiste em exercer o poder disciplinador sobre os *corpos*, mantendo-os sob vigilância e articulando mecanismos para torná-los dóceis, uma vez que “a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos” (FOUCAULT, 2005, p. 289). Essa ideia consolida-se, especialmente, por meio das ações realizadas por

instituições públicas de saúde, educação, forças armadas e instituições religiosas.

No caso de Itaguaí, as atividades do biopoder concretizam-se no âmbito da saúde pública, dado que Simão Bacamarte é um médico dedicado às questões da higiene mental e funda na cidade um asilo com a função de restaurar a sanidade a todos quantos lhe for possível. Para Foucault, a medicina tem um importante papel na prática do biopoder, uma vez que esta é definida como “um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos reguladores” (2005, p. 302).

A Casa Verde atingiu o propósito de tornar os *corpos dóceis*, exemplo disso é o barbeiro Porfírio, personagem que tivera declarado seu estado de insanidade após o enfrentamento contra a Casa Verde e aos ideais científicos do doutor. Alcançado o objetivo de destituir os integrantes da câmara e enfraquecer a influência de Simão Bacamarte, ao invés de declarar prisão ao doutor, como todos assim o esperavam, inclusive o médico, Porfírio propõe-lhe uma aliança política, que contradizia por completo os ideais da *Revolta dos Canjicas*, revolução esta liderada por ele próprio. Tal atitude desencadeou a constatação, por parte de Simão Bacamarte, de que o barbeiro possuía um desvio de caráter, considerado uma doença mental de acordo com os parâmetros do doutor.

Após o período de confinamento, Porfírio passou a aceitar a tirania que lhe fora infligida, e quando indagado sobre a adesão para um novo confronto contra o ditador, responde que já não é capaz, pois “que a ambição o levara da primeira vez a transgredir as leis, mas que ele se emendara, reconhecendo o erro próprio e a pouca consistência da opinião dos seus mesmos sequazes...” (ASSIS, 2004, p. 31). Com

essa declaração, Porfírio aceita o poder disciplinador. Torna-se um corpo dócil.

Em certa passagem do texto de Foucault há a menção acerca dos procedimentos de higienização da população europeia, que, de acordo com ele,

São esses fenômenos (as epidemias) que se começa a levar em conta no final do século XVIII e que trazem a introdução de uma medicina que vai ter, agora, a função maior da higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normatização do saber, e que adquire também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e de medicalização da população (2005, p. 291).

Embora o autor se refira aos processos de higiene pública realizados na sociedade europeia do século XVIII, eles podem ser observados, de certa maneira, na cidade de Itaguaí: afinal, a doença da mente havia se tornado, de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo doutor, uma epidemia, e na medida em que Bacamarte diz recear que o campo da loucura não seja apenas uma ilha, mas um continente, dadas as proporções alcançadas na detecção dos mentecaptos da pequena cidade, sendo, por isso, urgentes as medidas que toma para contê-la.

Outro aspecto a ser considerado no conjunto de fatores que concorrem para a prática do biopoder é a ação do Estado em deixar morrer. Mas, para entender como ocorre o processo de deixar morrer em *O Alienista*, é preciso compreender o que Foucault entende por morte:

[...] é claro por tirar a vida, não entendo simplesmente o assassinio direto, mas também tudo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc. (2005, p. 306)

Neste ponto, é possível considerar que todo o conto gira em torno da morte social dos indivíduos considerados anormais, inaptos. Ao longo de todo o enredo, os confinados à Casa Verde são submetidos a um processo de seleção, classificação e segregação pautados em critérios imprecisos e por crenças subjetivas de Simão Bacamarte, o que os leva ao afastamento de suas famílias e amigos, bem como à perda da rotina que regia a vida de cada um deles. São, portanto, privados de seus direitos essenciais, para satisfazer a curiosidade intelectual de um indivíduo com meios e poderes para fazê-lo.

O deixar morrer também pode ser observado quando analisamos o capítulo “A rebelião”, momento em que um grupo de cidadãos da pequena cidade se reúne liderado pelo barbeiro Porfírio, com o intuito de destruir o asilo e destituir o poder dado ao alienista pela força moral e política da ciência. Esse movimento popular intitulado *A Revolta dos Canjicas* foi surpreendido pelos dragões, força militar que declarou fogo aos manifestantes, deixando onze mortos e vinte e cinco feridos.

O argumento inicial para a construção de um manicômio na cidade de Itaguaí era o de proporcionar melhoria da qualidade de vida para sua população, mas, opostamente a isso, tornou-se a base de conflitos sociais e familiares, a mensageira da morte do corpo para uns e da morte do espírito para outros. Simão Bacamarte, após tomar consciência de sua força política, mostrou-se um déspota ao privilegiar as razões científicas em prejuízo das diferentes formas de construção de conhecimento e compreensão da realidade. Como bem afirmou Reis em seu estudo desta obra machadiana em interface com a historiografia das práticas psiquiátricas no Brasil de meados do século XIX ao início do século XX, “o que se discute desde já em *O alienista* não é apenas o tema da loucura em si e do saber que se constrói em torno dela, mas sobretudo a questão das relações entre saber e poder” (REIS, 2016, p. 1096).

Nessas condições, tomamos por empréstimo as indagações de Foucault:

Como [...] é possível, para um poder político, matar, reclamar a morte, pedir a morte, mandar matar, dar ordem de morte, expor à morte não só os seus inimigos, mas seus próprios cidadãos? Como esse poder que tem essencialmente o objetivo de fazer viver pode deixar morrer? (2005, p. 304)

E, se pudéssemos arriscar uma resposta às inquietantes indagações postas por Foucault, afirmaríamos que tais distorções do exercício do poder político se dão por força de um empenho em reconstruir a realidade discursivamente de acordo com interesses particulares, o que lhes permite manipular fatos com vistas a alimentar paixões e anseios pungentes no coração das massas. Artimanha essa que finda por legitimar o poder daqueles que buscam justificar privilégios para alguns e a execução de ações bárbaras e arbitrárias para tantos outros.

Considerações finais

Willie Van Peer, em seu artigo “*Literature, imagination, and human rights*”, faz uma ampla defesa da literatura como agente humanizador e chama a atenção para o poder que os textos literários possuem de nos comover e ampliar nossa capacidade de sentir empatia, o que se daria na medida em que tais textos não apenas relatam ou descrevem situações de injustiça, sofrimento e redenção, mas nos colocam frente a frente com personagens que precisam tomar decisões e buscar saídas para suas aflições ou meios de alcançar seus propósitos, assim como cada um de nós a cada instante em nossas vidas.

No conto *O Alienista*, imergimos em um retrato bem-humorado dos fatos da época que servem de pano de fundo para o enredo, que

nos faz rir e entristecer por meio do retrato irônico acerca do modo como a sociedade da segunda metade do século XIX incorporou o discurso científico. Ao mesmo tempo, Machado de Assis nos remete a fatos históricos ao deixar subentendida a referência ao primeiro hospital psiquiátrico construído no Brasil, o Hospício Pedro II, inaugurado no Rio de Janeiro em 1852 e que foi não apenas o primeiro desta categoria no Brasil, mas da América Latina.

Ao realizar a leitura do conto e refletir sobre os acontecimentos históricos do século XX, nos parece irrefutável afirmar que Machado de Assis teceu um enredo quase profético daquilo que o homem seria capaz de realizar ao longo do século que foi palco para duas Grandes Guerras, uma delas fundamentada em princípios eugênicos, que, em nome da ciência e de um suposto melhoramento social, tornou-se o exemplo máximo do quão nociva pode ser a ação do Estado quando respaldada por um discurso científico enviesado e utilizado para a prática política do biopoder.

Contudo, é preciso salientar que tais ações apenas são possíveis quando aceitas e respaldadas pela sociedade, quando assumidas como verdadeiras pelos indivíduos que compõem a massa social indistinta. Nas palavras de Hannah Arendt, “a persuasão não é possível sem que o seu apelo corresponda às nossas experiências ou desejos, ou, em outras palavras, a necessidades imediatas” (1989, p. 189).

No caso de Itaguaí, os cidadãos se mostraram satisfeitos, ainda que a princípio, por serem desonerados da responsabilidade de cuidar de seus *loucos*. Colocá-los todos juntos sob a justificativa de receberem tratamento adequado, por mais estranho que soasse para alguns, foi muito bem aceito por aqueles que levavam seus parentes para permanecer sob cuidados médicos *especializados*, embora o responsável por tal feito se mostrasse mais como um experimentalista

que um especialista, considerando-se que esse não sabia de fato o que tratar e tampouco como fazê-lo.

As ideias e ações de viés eugênico de Simão Bacamarte mimetizam, assim, as distorções promovidas pelo poder político, que ao se apropriar da credibilidade do discurso científico, de seus métodos e do prestígio que goza perante a sociedade civil, os banaliza e coloca em xeque a pertinência de seu saber e de suas práticas para uma efetiva promoção da qualidade de vida da população. No caso da Vila de Itaguaí, assim como ocorreu e ainda ocorre em Estados ao redor do mundo, políticas públicas respaldadas pelo discurso científico enviesado foram e são adotadas a serviço de projetos de poder, que sob a vênua das boas intenções implantam um estado de terror conduzido por arbitrariedades e subjugação dos cidadãos.

Após mais de um século de sua publicação, a obra *O Alienista*, fruto do talento e da inventividade machadiana, continua atualíssima: se em sua época a cega fé em uma ciência ética e moralmente questionável se apresentava quase como um personagem à parte, cuja principal característica era a detenção do poder absoluto sobre a produção do conhecimento e da verdade, e que acabou por dar legitimidade a governos tirânicos para decidirem sobre a vida e a morte dos povos; atualmente, a crescente descrença nos avanços que a *Ciência* produziu ao longo do tempo nos faz retornar à infância da humanidade, promove um biopoder igualmente grotesco, que, tal qual o praticado em séculos anteriores, fomenta a anticiência, a antijustiça, o antiprogresso.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

ARENDDT, H. *Origens do Totalitarismo*. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

ASSIS, M. *O Alienista*. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2004.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CÂNDIDO, A. *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

ELIOT, T. S. *De Poesia e Poetas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FOUCAULT, M. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GUALTIERI, R. C. E. Educar Para Regenerar. Convergências entre os ideários eugênico e educacional no Brasil. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, v. 13, n. 25, p. 91-110, 2008.

MOISES, M. *Dicionário de Termos Literários*. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

REIS, J. R. F. “O alienista” de Machado de Assis. *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, out.-dez. 2016, p. 1095-1112.

ROTTERDAM, E. *Elogio da Loucura*. São Paulo: Hedra, 2013.

STEPAN, N. L. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005

VANPEER, W. Literature, Imagination, and Human Rights. In: *Philosophy and Literature*, v. 19, n. 2, p. 276-291, 1995.

Recebido em: 28/06/2021
Aprovado em: 08/10/2021